

e/əbu Nº29

dezembro de 2007

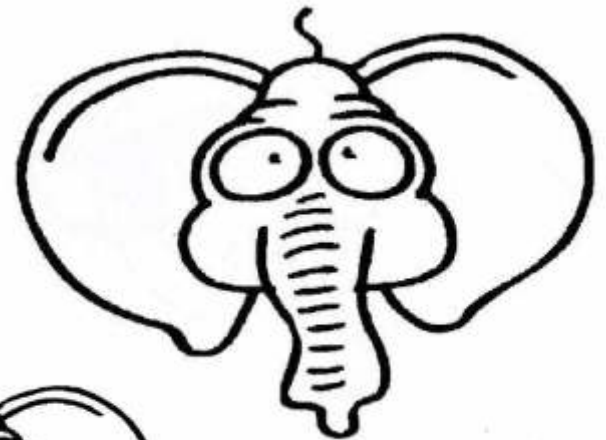
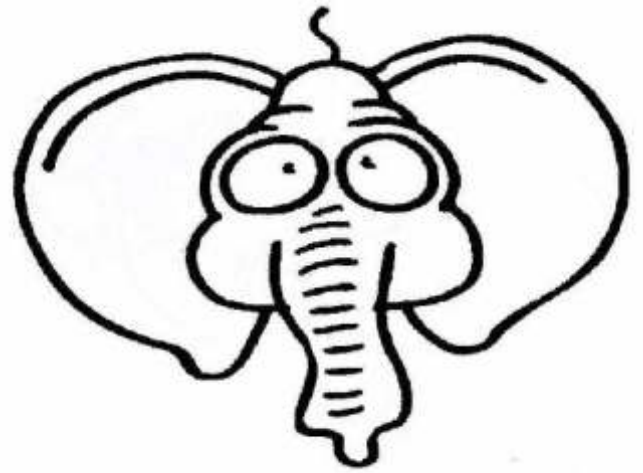
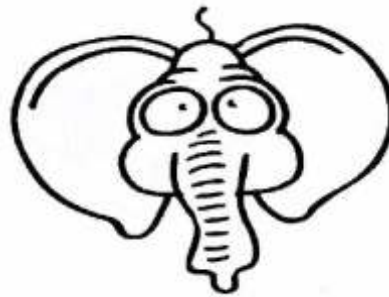
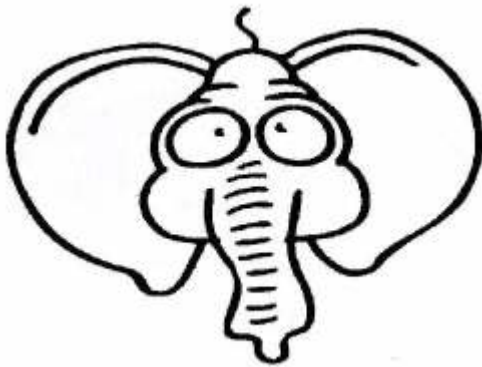


em louvor da
GLÓRIA

É muito bom chegar no fim do ano e dizer "missão cumprida, agora vamos planejar a próxima". O Elebu encerra um ano massa, que superou todas as expectativas. Em 2007 o zine, sem querer querendo, estreitou laços com o pessoal de Fortaleza sem esquecer nossa veia brasiliense. Falamos de gente do Sul, do Rio, de Cuiabá, de Minas, de São Paulo. Só faltou o Norte do país, mas isso é uma falha que precisamos corrigir no próximo ano. Também fomos internacionais e parece que encontramos um balanço legal entre levar coisas interessantes ao leitor e também satisfazer nosso lado fã egocêntrico. Bom ano... O desafio agora é fazer com que 2008 supere o anterior.

Agora, amigos leitores, permitam um mês de preguiça que aperta desde agora para curtir as festas de fim de ano e renovar as energias. Voltaremos em fevereiro, se tudo conspirar a favor, com Elebu ainda melhor. Bom natal, boa passagem de ano e "bebam com moderação".

** Esta edição é dedicada ao tio Highlander, que foi mais "highlander" do que qualquer um poderia supor. Saudades!*



ELEFANTE BU N° 29

EDIÇÃO, DIAGRAMAÇÃO, PRODUÇÃO E TEXTOS NÃO ASSINADOS:

Djenane Arraes

DIAGRAMAÇÃO "PORÃO WEB":

Washington Ribeiro

CAPA:

Eric Lovric

COLABORADORES:

Washington Ribeiro, Rúbia Cunha, Leonardo de Moura, Georgiana Calimeris.

AGRADECIMENTOS:

Eric Lovric, Marcelo Mendes, Iason Athanasiades, Jared Karns, Rodolfo Sikora, Luís Fernando Xavier. E a todas as pessoas que de alguma forma

participaram do Elebu ao longo do ano, em especial a Fernanda Takai, Lulu Camargo e Ricardo Koctus, Felipe Gurgel, Rita Maria Félix, Robson Dias, Rafael Coimbra, Marcos Pinheiro e toda a assessoria de imprensa do Porão do Rock, Dewis Caldas e Fábio Carbone.

DISTRIBUIÇÃO:

Por e-mail

BLOG PARA DOWNLOAD:

<http://elefantebu.poraki.com.br>

CONTATO:

elefantebu@yahoo.com.br

CANÇÕES E AFINS:

Todas as músicas citadas ao longo do zine.

Capa/ Mundo Geek:

Capitão São Paulo e Eric Lovric

Ziniando:

Retrospectiva do Elefante Bu
Top Hits do zine
Paisagem da Janela
Olha que ônibus dá samba

O Guia:

Eu não sei mais viver sem você
Harry Potter

Mundo Geek:

Lá no alto
Para ler e ver Neil Gaiman





o fim das histórias

Fim de ano é aquele festival de retrospectivas. Todos relembram dos acontecimentos, mas pouco se fala dos resultados, a não ser que eles se encaixassem em alguma pauta mais adiante. Alguns dos assuntos ficam parecendo filme que termina de forma repentina bem no meio da história. O que aconteceu depois mesmo? Foi pensando nisso que o Elebu resolveu fazer a sua retrospectiva, mas de forma progressiva, querendo mostrar o final da história, ou ao menos atualizá-la.

Começamos pelo Pato Fu, que completou 15 anos de carreira e lançou *Daqui Pro Futuro* em julho de 2007. Na verdade é um pouco complicado falar dos progressos dessa banda em particular uma vez que todas as novidades importantes são reportadas no Elebu. Logo, as notícias mais recentes são que Ricardo Koctus segue cuidando da produção do seu disco solo. Já Fernanda Takai lançou o seu neste mês, *Onde Brilhem os olhos Seus*, pela do Brasil Discos. A Panda Books também

disponibilizou no mercado o primeiro livro de Fernanda, *Nunca Subestime uma Mulherzinha*, que é uma coletânea das crônicas e contos publicados nos jornais Estados de Minas e Correio Braziliense. Ela também foi notícia ao invadir o palco no show da estadunidense Devo durante o Planeta Terra Festival com o objetivo de surrupiar um uniforme amarelo usado há anos pela banda. John Ulhoa, guitarrista, produtor e marido de Fernanda, é fã fanático da Devo e isso seria um presente dela para ele. Cômico!

Das bandas que foram capas, a Autoramas



(edição de junho/julho) e a Superguidis (edição de setembro) continuam fazendo os shows dos seus novos discos, *Teletransporte* e *Amarga Sinfonia do Superstar*. O novo disco do Nervoso e os Calmantes (edição de outubro) segue sem novidades. Dos artistas internacionais, Julieta Venegas (edição de maio) seguiu colecionando discos de ouro e platina em diversos países, além de participar de campanhas humanitárias em parceria com a Unicef. Ela também gravou propaganda para pedir donativos às vítimas do terremoto que assolou o Peru no meio do ano. O pianista de jazz britânico Paddy Milner (edição de março) finalmente lançou o disco *Based on a True Story* com boa repercussão, mas ainda não o suficiente para abocanhar um público mais volumoso. O que é uma pena porque o disco é muito massa e possui o equilíbrio perfeito entre músicas para dançar e para curtir. Mas Paddy seguiu com vários shows pela Europa, em especial na França e na Alemanha. Há inclusive um show completo no Youtube gravado em Paris para quem quiser ver. Recomenda-se o link www.youtube.com/watch?v=1043FVnmD4g para ver a versão de *Hey Bulldog* dos Beatles. A novaiorquina Kiss Kiss (maio), não foi capa, mas deu notícias dos seus avanços. "Este ano foi grande para a Kiss Kiss. Nós fizemos muitos shows e escrevemos um monte de músicas, que vamos gravar em janeiro para o nosso segundo disco. 2008 deve ser ainda melhor, uma turnê maior e mais músicas. O disco novo deve sair no outono", disse Jared Karns, baterista da banda.

Nessa retrospectiva, é preciso fazer uma justiça com Marcelo Mendes, que foi a capa de janeiro, a única que não está disponível no blogsite na internet. Mendes lançou o primeiro disco solo



Paddy Milner

Mendes, Marcelo no início do ano, além do single *Viagem*, de Odair José, com exclusividade pelo Elebu. Mas pouco mudou na carreira musical dele do início do ano para cá. Em parte por conta dos estudos: Mendes está fazendo seu curso de doutorado em Florianópolis. Até a divulgação do próprio trabalho ficou para segundo plano. "Por outro lado, gravei uma música para uma espécie de tributo ao Emílio e Mauro, que é uma banda de Curitiba do começo dos anos 90, que deve sair em breve - a música se chama *Jura-me*, e é uma beleza", disse. "Além disso, estou finalizando duas músicas: uma para um possível single virtual, para ser uma espécie de lado B de uma música do CD (e isso deve me ajudar a voltar a divulgá-lo, espero), e outra para um tributo ao Erasmo Carlos (Sodoma e Gomorra)". A produção de tudo isso é de Nery Bauer, que é "foda" segundo as próprias palavras de Mendes. porém todos esses projetos devem ficar mesmo para o ano que vem.

Falando em projetos, o Elebu fez matérias a respeito de alguns ao longo do ano. Dois deles envolvem tecnologia e visão de mercado. O site iJigg (fevereiro), desenvolvido pelo brasileiro Rodolfo Sikora, reúne tudo que há de bom dos recursos de sites como o MySpace para divulgar música de forma simples. De acordo com Sikora, são mais de 450 mil acessos/dia e mais de 1,5 milhões de músicas tocadas diariamente. "De longe ganhei alguma grana com o iJigg. A melhor coisa que aconteceu depois foram as pessoas que tive a oportunidade de conhecer por causa do reconhecimento do meu trabalho", falou Sikora. Em junho, ele e os sócios foram escolhidos para participar de um programa de investimentos promovido pela Y Combinator em Massachusetts, Estados Unidos. Infelizmente o visto dele foi negado. "Não foi de todo ruim pois minha filha estava nascendo e eu pude ficar no Brasil e curtir todos os momentos intensamente". Além disso, Sikora ainda lançou em setembro o portal de cultura e subversão O



Gafanhoto. O site nasceu de uma parceria com Cazé Pessini, apresentador da MTV.

Outro projeto na área tecnológica que está em pleno desenvolvimento é o Fun Station (edição de agosto), criado por Bruno O'Brau e equipe. Antes uma breve recapitulação: trata-se de um terminal com o mesmo princípio de uma máquina de refrigerante que fica em shoppings onde você compra uma música ou vídeo e faz na hora o download para o celular, pendrive ou o que tiver disponível. Em outubro, Bruno apresentou a Fun Station numa feira tecnológica na Suíça e já existem parcerias estabelecidas para implantação do projeto em março de 2008.

Este ano o Elebu também falou de festivais e movimentos que visam fortalecer a cena independente como o Espaço Cubo, de Cuiabá (MT), e o Soma, de Fortaleza (CE). A galera de Hell City fez muito barulho no Centro Oeste na promoção de festivais, muitos eventos musicais e encontros para discutir assuntos como profissionalização e políticas públicas que beneficiariam o movimento independente de arte e cultura. Já os cearenses deram o primeiro passo rumo ao crescimento de sua cena com o festival Soma realizado mês passado. "O festival foi ótimo e lotou o afiteatro Centro Dragão do Mar aqui em Fortaleza com a presença de 800 pessoas", disse Felipe Gurgel. "A gente teve uma boa impressão de que, se a música independente chega às pessoas, temos condições de formar um público mesmo que o 'primeiro valor' da nossa cadeia produtiva não seja o apelo mercadológico". Ainda falando em festivais, os organizadores do Porão do Rock de Brasília encontraram no segundo semestre uma forma de fazer a marca e a filosofia do festival sempre presente na forma shows pequenos que reúnem três ou quatro bandas locais e de outros estado. São as "Pílulas Porão do Rock".

Ainda em Brasília, a CúCão Filmes (edição de abril) lançou no último dia 30 o oitavo episódio da saga policial *E Nós* - "Ninguém se Mete com Tonho Montana". O nono episódio também já foi gravado, mas deve ser lançado apenas em 2008. "Os oitavo e nono episódios foram gravados no Conic e Aeroporto. Contam com participações da banda Móveis Coloniais de Acaju, membros de bandas tipo Galinha Preta, Murro No Olho, DJs Telma e Selma, atores (muitos) e modelos da cidade. Essa foi a maior produção do seriado", informou Luís Fernando Xavier, integrante da CúCão Filmes. Para ver os episódios acesse www.youtube.com/cucaofilmes

Por último, o fotógrafo e jornalista grego Iason Athanasiadis, autor da capa de abril, resolveu tirar umas férias do Oriente Médio para uma temporada de estudos na universidade de Harvard. Ele ganhou a Nieman Fellowship por um ano, que é uma bolsa que permite o agraciado a passar um tempo no campus da universidade fazendo aulas, pensando e pesquisando. "É uma oportunidade maravilhosa que Harvard me ofereceu e devo ir para a Turquia assim que isso terminar. Mas não parei de pensar no Irã", disse. Iason escreveu artigo para o The British Newspaper sobre sua preocupação com uma possível guerra eclodida pela ignorância. É muito interessante e para quem lê bem o inglês é uma leitura altamente recomendável. O link está disponível no blogsite do Elebu.



É Nós

top hits do elebu

Um momento de descontração no meio do deserto em pleno território iraniano fez a capa mais marcante entre as edições do Elefante Bu em 2007. Quem disse foram os próprios leitores numa pesquisa de opinião. A imagem o fotógrafo e jornalista grego Iason Athanasiadis ilustrou a edição de abril. Essa é a uma de suas fotos preferidas porque mostra que a alegria ainda pode existir em meio de uma situação de crise. Havia outras imagens espetaculares de Iason que poderiam servir de capa e ser tão impactantes quanto. Além disso, sempre existe a possibilidade de se fazer um mosaico, embora isso funcione melhor em páginas internas do que na capa propriamente dita. A escolha não foi tão fácil, mas a "dúvida cruel" veio em meio de um grande leque de opções e é sempre bom trabalhar nessas condições.

Já a segunda capa mais votada foi a edição de agosto que traz a capa do disco do Pato Fu, *Daqui Pro Futuro*, em cores alteradas. Ela rendeu bons minutos na frente do Photoshop para chegar nesse resultado. A figura original é colorida de fundo marrom escuro e não tinha uma definição boa suficiente. Se fosse simplesmente colar a imagem e ampliar, a diagramação ficaria comprometida. A solução foi inverter as cores para depois tirar a saturação e promover os ajustes necessários como cor, iluminação, contraste, sub e superexposição. Ainda foi preciso pintar algumas das borboletas. A capa de agosto foi resultado da absoluta falta de opção porque não tinha nos arquivos imagens atuais do Pato Fu diferentes daquelas tiradas nos shows. E não é que o resultado dessa adversidade agradou?

O Conteúdo

Nessa mesma pesquisa de opinião foi perguntado qual a matéria que mais agradou, e para absoluta surpresa a eleita não foi uma em particular, mas uma edição inteira: o especial dos 15 anos do Pato Fu. O mais interessante é que apenas dois dos votos vieram de fãs. Os leitores que "justificaram" disseram que a edição foi emocional e envolvente. Mesmo que não gostassem das músicas ou do tipo de som, as histórias fizeram com que eles se simpatizassem com a trajetória da banda. Para um zine que começou por causa do Pato Fu, a notícia não poderia ser melhor. A edição publicada em



setembro foi resultado da união de depoimento de fãs antigos que fizeram fã-clubes, páginas não-oficiais e etc. Para esses, o especial foi uma bela "sessão nostalgia".

A medalha de prata foi para o artigo sobre a bossa-nova e a entrevista com Roberto Menescal publicadas na edição de novembro. Nesse caso, vou usar o comentário de Luis Xavier, que faz o *É Nois* e toca na banda *Sub-Versão*: "A matéria mais interessante foi a da última edição sobre a bossa nova. Eu sempre quis ter lido o livro do Ruy Castro e agora me sinto mais motivado pra ler sobre a bossa nova. Eu gosto muito de bossa nova. João Gilberto é um herói para mim. Meus outros heróis da música brasileira são: Sepultura, Mutantes, Secos e Molhados e talvez o Chico Buarque. São artistas originais que muito me tocam".

É por essas e outras que o Elebu continua. Este ano foi fantástico para o zine no que diz respeito ao amadurecimento do formato e conteúdo. Será que vamos conseguir fazer melhor em 2008?



paisagem da janela





Da esquerda para direita: montes Broken Top, South Sister (Caridade), Middle Sister (Esperança) e North Sister (Fé). Eles fazem parte da cadeia de montanhas de origem vulcânica Cascades, que corta o centro do Oregon.

Se é possível fazer uma trilha sonora para tudo, então uma temporada no exterior não pode ser diferente. Entre montanhas, frio e gente de todo tipo, os três meses em terras norte-americanas renderiam um disco eclético com espaço para Julie London, Milton Nascimento e Red Hot Chili Peppers.

Texto e Fotos: Djenane Arraes

Muitas foram as trilhas sonoras que povoaram a minha mente enquanto estive em terras estadunidenses. Da janela da cozinha, em especial na hora do café da manhã, podia ver a fazenda da Oregon State University (OSU) com as montanhas da serra da costa do Pacífico por trás. Via carneiros e ovelhas pastando no campo (sério), pessoas andando de bicicleta e correndo em direção a essa mesmíssima fazenda. E quando o tempo estava claro, admirava o Mary's Peak. Foi uma festa quando vi pela primeira vez a coroa de neve no seu topo. Era como se a natureza reconhecesse quem era a majestade do pedaço. Então pensava em *Paisagem da Janela* (Lô Borges e Fernando Brant) e também em *Casa de Campo* na voz de Elis Regina.

Quando ouvi e vi o corvo pela primeira vez achei que ele combina muito bem com os filmes de terror e com os contos do Edgar Allan Poe. Montanhas, corvos e paisagens bucólicas e até a ignorância de alguns dos americanos fazem do Oregon o cenário perfeito para filmes de terror, episódios do Arquivo X. Mas até isso tem o seu charme, em especial se *Black Bird*, dos Beatles começar a tocar.

Penso que o Oregon também pode ser cenário de melodramas sobre famílias americanas da classe média em cidades pequenas. Isso fez com que vestisse uma capa invisível de cinismo a respeito de algumas pessoas que cruzaram meu caminho: tão cordiais e tão distantes. Contudo, entendo que a "bitolação" é uma consequência para aquele que se habitua a viver num pedaço de chão pequeno e isso acontece em qualquer lugar. As coisas ficavam aterradoras quando a ignorância vinha de pessoas viajadas e de formação privilegiada.

Felizmente isso foi raro. O interessante é que a visão petulante de uma estrangeira não era muito diferente do americano que veio de outra parte do país, em especial do sul e da costa leste (a do Atlântico). "As pessoas daqui não meio estranhas, não é mesmo?", disse um estudante da OSU natural de Nova Orleans. Penso que a música country encaixa com perfeição numa cidade como Corvallis, mas prefiro dar a ela um ar mais sofisticado. A polidez e a melancolia bucólica nesses dias frios e chuvosos do outono me fizeram pensar em Julie London cantando *Cry me a River*.

Encontrei com senhoras asiáticas no curso de inglês para estrangeiros, em geral coreanas que estão na cidade vivendo em função de seus maridos e filhos. Algumas lembravam a personagem coreana beata evangélica e rigorosa ao extremo do seriado *Gilmore Girls*. Achava que era uma caricatura exagerada, mas não é tão distante da realidade. Essas mulheres têm encontros regulares nas igrejas quase exclusivas para coreanos e esses espaços são parte determinante na vida social. Entendo as razões delas e sei que isso acaba se tornando um processo de preservação da identidade cultural. Ainda assim, não deixei passar a oportunidade de usar a minha influência (negativa?) para fazer algumas pensarem um pouco diferente. Um dia questionei àquela que ficou mais próxima de mim se ela consideraria mais uma pessoa legal e boa que tinha uma orientação religiosa oposta a dela, ou alguém da mesma religião que não fosse tão bacana assim? Sem querer, criei um nó. No mesmo dia, por coincidência, vi um programa de TV onde uma menina começou a "consertar" a bíblia do pastor

porque o texto não tinha a mínima lógica. A questão religiosa está longe de ser um problema coreano. Na verdade é um tabu estadunidense. O protestante não bate com o evangélico, que tem restrições ao católico, que tem preconceito dos judeus e assim vai. E no meio de toda essa confusão, conheci uma jovem mulçumana que demonstrou ser aquela com mais ponderação quanto às outras crenças. Pensei em *Deus*, tanto no ser abstrato quando na metáfora da música do Pato Fu.

Na minha experiência em terras norte-americanas percebi que a relação do estrangeiro com outro estrangeiro (não importa se é europeu ou africano) sempre é mais confortável do que com o nativo. Talvez porque a cumplicidade e o entendimento por todos estarem na mesma condição supere as diferenças culturais. Pensando nisso, lembrei de músicas com verso de "querer ser estrangeiro no próprio país". Acho interessante ser o diferente da casa, só que isso não é a mesma coisa quando se é de fato o próprio num território que não é o seu. Não dá para negar que é desconfortável mesmo sendo alguém com o dia marcado para voltar.

Só uma coisa não pode negar a respeito dos americanos: eles são figuraças. Gente que não tem problema em se vestir de "árvore de natal", de fazer da bicicleta um carro alegórico. "Alô, alô marciano, aqui quem fala é da Terra..."

Beleza Natural

Falar de gente é complicado. Lidar com gente é complicado. Fácil é apreciar as belezas naturais. Digo que as

montanhas, em especial as com neve, impressionam. Todos os grandes picos das Cascades superam os maiores brasileiros. Logo, imagina a perplexidade de uma pessoa que mal sabia o que era montanha ao se deparar com um horizonte como o mostrado na grande foto? Elas estampam a paisagem na estrada para Bend, no Oregon. É a cidade que mais cresce nos Estados Unidos graças a especulação imobiliária. As pessoas que moram lá, ou a visitam, estão atrás de tranqüilidade e qualidade de vida, além do lazer e do consumo. Uma excelente opção é esquiar nas montanhas ou escalar os paredões rochosos no Smith Rock State Park (os mesmos que podem ser vistos na seqüência inicial do filme *Missão Impossível 2*).

A rodovia para Bend não é muito movimentada e larga. Sua encosta, em especial quando se corta as Cascades, tem diversas varas de tamanhos e frequências variados, dependendo o trecho. Algumas têm dois metros e meio. Elas servem para o motorista saber os limites da pista quando a neve acumula. Não é uma idéia confortável pensar em enfrentar uma rodovia nessas condições considerando que em boa parte do tempo se acompanha um rio em direção ao topo de montanhas. Não é raro atravessar nuvens mais densas pelo caminho. Mas nada que exija atenção redobrada. O asfalto é um tapete e tudo é muito bem sinalizado. Não precisei pensar em música alguma dessa vez. No dia que visitei a cidade sintonizei uma rádio que estava transmitindo um especial dos Beatles. *Yellow Submarine* ficou com gosto de estrada.

A paisagem para Bend é fenomenal. O primeiro monte branco é o Washington, que não impressiona muito. Imponente é o monte Jefferson, o segundo maior do Oregon, que é possível ser visto no vilarejo Three Sisters, batizado assim porque fica nas encostas dos três picos (os mesmos da foto grande). Recomendo fazer uma parada nesse vilarejo para comprar bugigangas de turistas além de tirar muitas fotos. Three Sisters lembra os lugares dos filmes de



De cima para baixo: vista do monte Washington; a estrada para Bend com o monte Jefferson na paisagem; fachada do Red Lion, um hotel de duas estrelas tipicamente americano; uma casinha típica do velho oeste no espaço externo do High Desert Museum.



faroeeste, porém sem deserto e asfaltado. É a mesma estética. Johnny Cash combina com a paisagem com o seu *I Walk The Line*.

Já Bend propriamente dita não é muito diferente de outras do Oregon como Corvallis, Eugene e Salem (Portland é outro papo). Ela possui um outlet - shopping só com lojas de grife que vende seus produtos mais baratos - todas as grandes lojas de rede estadunidense como Best Buy, Fred Meyer, Target e até a Sears estão lá. Ela é "espalhada", sem edifícios e muito arborizada. O centro da cidade é muito bonito e possui um centro comercial de muito glamour destinado para os endinheirados (não era o meu caso). Seu grande atrativo, no entanto, é mesmo as montanhas e todo o dinheiro que se ganha em função delas. É o tipo de coisa que não dá para criticar.

Nos arredores de Bend estão museus que valem uma visita. O mais frequentado é o High Desert Museum, que é um absurdo para entrar mas vale o preço. É um lugar interessante onde se pode ver animais típicos da região como águias, corujas, cobras e lincos. É que o museu também faz trabalho de resgate de animais que por alguma razão não poderiam mais sobreviver no seu meio natural. Também estão à mostra diligências, charretes, vagões antigos de trens, ou seja, a história do velho oeste.

As montanhas são imponentes, tem tons azuis. Elas te marcam de alguma forma e dificilmente deixam sua memória. Não combinam com a bossa-nova ou qualquer outro ritmo regional brasileiro. Também não casam com o country. Estar nelas é como curtir um hard rock ou o Red Hot Chili Peppers, contempla-las é ouvir o Clube da Esquina.

Assim encerro a minha série em território norte-americano. Uma pena que não deu para falar de tudo. Deixo isso para conversas posteriores. Volto para casa feliz e com visão de mundo modificada. *"Eu já estou com o pé nessa estrada/ Qualquer dia a gente se vê/ Sei que nada será como antes, amanhã"*.

mais imagens...



O Drake Park, que fica no centro da cidade de Bend, é um lugar muito charmoso e de alto valor imobiliário. O preço se justifica pela paisagem linda represa do rio Deschutes. No inverno, a área fica tomada por patos e gansos canadenses. A "risada" do pato é algo marcante.

O monte Bachelor é o mais baixo entre os demais próximos a Bend. Porém é lá onde as pessoas se divertem nas estações de esqui. Diferente das montanhas ao seu redor, ele perde a neve por completo no verão e fica com aspecto desértico. A foto mostra o Bachelor recomeçando a ganhar sua cobertura branca.



A estrada para Bend é cercada por pinheiros altíssimos. Eles não perdem as folhas no inverno, porém ficam secos e altamente inflamáveis. Qualquer faísca pode dar início a uma devastação impressionante, que ameaça cidades inteiras a exemplo que aconteceu na Califórnia em novembro. Ao lado, uma área atingida pelo fogo há muitos anos e nunca mais se recuperou.

Numa bela manhã do final de outono na cidade de Corvallis, os termômetros marcaram -4°C . Tudo ficou branco e congelado: grama, carros, telhados e até as teias de aranha. Pode acreditar, isso é frio para nenhum brasileiro colocar defeito.



Detalhe do gramado da foto acima. Se uma piada recorrente no Brasil é que tem dias em que se pode fritar um ovo na calçada, aqui há dias que a geladeira torna-se um eletrodoméstico dispensável.

Os dias ficam mais curtos e o ápice disso é quando o sol se põe às 16h30 no dia 22 de dezembro. O nosso corpo fica um pouco maluco com essa história. O final da tarde fica com o gosto da noite. Tudo parece mais melancólico no final do outono. Muitas das árvores já perderam as folhas para receber o inverno e a paisagem fica assim: meio cinza.





OIha!

que ônibus dá samba

Georgiana Calimeris

Quando era adolescente tinha que pegar ônibus como tantos outros. Agora, na vida adulta, me vi obrigada a me deslocar mais uma vez no único transporte público que cobre toda a cidade: o famoso baú. Quando mais nova, via cenas que ficaram retidas apenas em meu cérebro como a de um garoto agachado perto da mãe, o sol quente incidindo sobre eles e aquele clima de espera. Naqueles momentos, quis ter uma máquina fotográfica para registrar a cena e lamento não ter tido como. Movida pela necessidade de alma de artista (todo o resto praticamente falhou) e pelo interesse pela fotografia, resolvi que onde quer que fosse (depois de ter sido afastada dela por um acidente

infeliz) a máquina iria comigo para não ser pega desprevenida seja dentro do carro ou dentro do ônibus.

Como tenho que pegar a condução para o trabalho alguns dias da semana, comecei a tirar fotos ali para treinar o olhar. Afinal, dentro do ônibus, não dá para racionalizar muito para fazer uma boa imagem e, assim, descobri um jeito de fazer passar o tempo na mesmice que se instala quando se trata de usar o transporte público número um da cidade. Depois de alguns dias, percebi que as fotos rendiam sim boas imagens, afinal, muitas coisas acontecem ali. Acho que todo mundo tem alguma história engraçada de ônibus para contar. Conheci um dos meus melhores amigos em um!



eu não sei mais viver sem você!

Georgiana Calimeris

Mais um ano que passou... aliás, passou não, voou. Deixando de lado as elocubrações sobre o tempo, que já refleti sobre isso e esse ano ficou na categoria dos paradoxos, vamos a algo mais prático. Dia desses estava pensando em como era a vida quando era bem mais nova, criança, adolescente, quando a internet não existia, quando o telefone celular não existia. Era tudo diferente. A gente não ligava para saber se as pessoas estavam chegando, o máximo era comprar ficha de orelhão e ligar para a casa da pessoa, saber se saiu e rezar para que se lembrassem que estaria vindo ao nosso encontro.

Não havia nem TV à cabo, apenas os canais

abertos. De repente, a gente se adaptou às novas tecnologias e a vida transcorre como se telefones celulares, internet e outros "gadgets" sempre fossem parte do nosso cotidiano, como se nunca tivesse havido uma era em que essas coisas eram apenas brinquedos criados pela ficção científica. Aqui estamos nós, você lendo o que escrevo graças ao milagre da comunicação virtual. Penso que antes teria que me encontrar com outros colegas escritores, arrumar o texto e a diagramação de uma forma precária e seguir até a copiadora mais próxima para fazer um zine de qualidade (às vezes) duvidosa.

Voltando o tempo ainda mais, quando era criança o passatempo era brincar na rua, jogar "bete" ou assistir desenhos animados. Não havia internet. O computador ainda não havia substituído a máquina de escrever. Isso aconteceu lá pelo final da década de 80. Lembro que minha mãe havia comprado uma máquina de escrever Olivette para mim e meu pai disse: "Deixa de ser besta! Usa o computador!" Nunca mais usei a máquina de escrever (só na faculdade, mas aí é uma outra história). Conheci a internet em seus primórdios. No começo era o verbo, ou melhor, era apenas o tal do e-mail e dos grupos de discussões até que, um dia, alguém inventou os sites de busca e a internet surgiu resplandecente para nunca mais nos deixar.

E nesse exato momento, continuo fascinada e apaixonada pelas maravilhas do mundo da tecnologia. Lembro vagamente da vida sem e-mail, celular e outras tantas maravilhas proporcionadas pelos gênios do computador e só sei de uma coisa: não vivo mais sem nada disso. Dá até frio na espinha em viajar para bibocas do interior onde a internet, talvez, não tenha chegado. Afe! Viajar agora só para lugar onde a tecnologia chegou. Assim, não ficou bem uma reflexão de final de ano, mas, de um ano para outro, ainda penso que não sei mais viver sem as facilidades do mundo moderno.

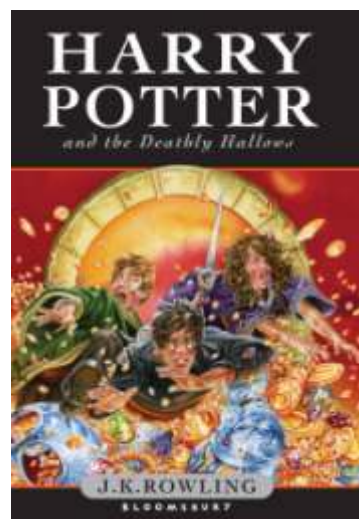




Agora é definitivo. Os fãs brasileiros do bruxo mais famoso do mundo, Harry Potter, finalmente podem acompanhar a versão oficial do último livro da série em português. *Harry Potter e as Relíquias da Morte* chegou às livrarias dia 11 de novembro para matar a curiosidade de leitores que não leram a versão original ou não quiseram recorrer a traduções divulgadas na internet feitas por outros fãs. Com um enredo que foge completamente ao que todos estavam acostumados a ver até então na série, algo que certamente se pode dizer sobre o último volume é que a autora J.K. Rowling esmerou-se para escrevê-lo.

O desenvolvimento dos personagens, ao contrário do que se vê nas adaptações cinematográficas da série, não foi relegado ao segundo plano. O próprio Harry, por exemplo, está mais poderoso e com uma personalidade mais fria, agindo de maneira que às vezes chegam a assustar os fãs mais ortodoxos. O mesmo pode-se dizer da maioria dos outros personagens.

Outro fator a se destacar no último livro é o teor de violência, que não chega a



ser apelativo, mas se faz mais presente do que nunca. Nenhum personagem está a salvo, e algumas vezes acontecem mortes que podem revoltar os fãs. Não dá pra saber, por exemplo, se o próprio protagonista irá sobreviver ou não, até que os fatos se desenrolem na trama. Enfim, o sétimo livro tem uma carga de tensão bem superior a qualquer outro do bruxo inglês.

Mas o destaque maior fica mesmo para a estreita ligação desta história com as dos outros livros, interligando elementos e personagens e esclarecendo enigmas que até hoje atormentavam leitores do mundo todo. Rowling soube amarrar – e bem! – elementos vistos antes nos outros livros e que aparentemente não tinham maior valor ou importância no contexto geral da história, gerando uma trama mais consistente e coesa. Um excelente entretenimento, *Harry Potter e as Relíquias da Morte* conseguiu o que muitos duvidariam que aconteceria: concluir de modo surpreendente e satisfatório a saga do menino bruxo, dosando na medida certa aventura, drama e humor. (Leonardo de Moura)

O fim



Herói brasileiro não é burro e nem tapado. Na verdade ele pode ser um cara muito sério e cheio de boa vontade. É uma pessoa que tem o seu respeito, apesar do ceticismo e das cretinices. Quem sabe pode se atrapalhar uma vez ou outra com os problemas de cidade grande, mas isso daí faz parte do jogo. Herói brasileiro é bem a cara do Capitão São Paulo. Sem a máscara, ele é um funcionário comum, meio sem sal que tem alguns problemas com a mãe grudenta, com a faxineira xereta e uma namorada tão chata que é melhor enfrentar o Barão Mooca e o Capivara Man.

As histórias cheias de bom humor do personagem podem ser conferidas no site www.capitaosp.com.br junto com outros bons personagens de Eric Lovric, como Gilson, o Chatão e Bâtchmãm. Eric trabalha com animação desde 2004 e já foi, inclusive, finalista do festival Anima Mundi. É entrar no site e ficar viciado com o humor inteligente do animador, mas antes, confira a entrevista que Eric concedeu ao Elebu.

*Djenane Arraes
Ilustrações: Eric Lovric*

herói brasileiro

Elefante Bu - De onde veio a inspiração para criar o Capitão São Paulo e o Gilson?

Eric Lovric - Minha primeira grande paixão na vida, aos três anos foram *Os Impossíveis*, uma série dos estúdios Hanna-Barbera de 1967, onde três roqueiros viravam super-heróis quando o bicho pegava. Depois descobri as séries japonesas da década de setenta, o que já me deixou a meio caminho da perdição, aos cinco anos. Devo ter consumido todos os desenhos animados que os seis canais da época podiam prover, me voltei aos quadrinhos. Isso foi na adolescência. Muita gente compara desenhos animados a histórias em quadrinhos, mas ao meu ver, a ligação entre ambas é mais comercial do que artística. Só lia quadrinhos porque alguns dos personagens que figuravam na televisão apareciam neles. Algum tempo depois, descobriria que na verdade, os desenhos animados de super-heróis eram uma forma que as grandes editoras haviam encontrado para promoverem suas revistas. De qualquer forma, li tanto que comecei a pegar gosto. Até pensei em começar a desenhar gibis, mas não tinha jeito. O meu negócio mesmo era animação. Quando adulto, depois de ter sido tão entretido por tantos personagens de tanta gente, era natural que achasse que tinha chegado a hora de criar os meus próprios. Certo dia, conversando com um amigo num bar, disse que estava trabalhando numa animação (minha primeira; *Jimmy Jazz: Imperceptible Pervasive Perspective*). Ele sugeriu que abandonasse o Jimmy e partisse para algo mais regional. Perguntou quais eram minhas outras criações. Como sempre guardei tudo que desenhei tinha várias idéias de vários personagens para várias séries. Algumas idéias eram bem vagas. De qualquer forma lhe mostrei a lista. Ele escolheu o Capitão alegando que havia uma defasagem de heróis na cidade e disse que se eu topasse, me ajudaria a produzir. Foi aí que nasceu o Capitão e a Mondo Vazio. Esse cara é o Ricardo Camargo Mendes, meu sócio e produtor executivo de tudo que fizemos até hoje. Quando acabamos o *Carcamano parte 2*, um outro amigo me disse: "cara, achei o máximo, mas minha namorada não curtiu. Não rola de você fazer uma série alternativa, para quem não gosta do capitão?" Comercialmente me pareceu uma boa e saquei o Gilson da gaveta porque era rápido e fácil de produzir e poderia segurar as pontas enquanto cada novo episódio do capitão não saísse. O Gilson foi um personagem com design simples que criei para aprender a mexer num software. Não o criei pensando em usá-lo. Escrevi um episódio



rápido, animamos, editamos, mixamos e colocamos no ar. Foi um sucesso. Mais do que o Capitão. Hoje é o nosso personagem mais popular. Vai entender.

Elebu - Por meio dele, você tira um tremendo sarro do cotidiano e das peculiaridades de São Paulo. Os paulistas não reclamam não?

Lovric - Ninguém está nem aí. Alguém definiu que uma das características que difere o homem dos outros animais é que ele pode rir de si próprio. Parece que os paulistas abraçaram isso como doutrina.

Elebu - Aliás, algum carioca nunca tirou sarro do Capitão SP?

Lovric - Recebo muito e-mail perguntando porque não fazemos um super-herói carioca. Tadinhos... mal sabem eles que a Liga dos Estados já foi criada a muito tempo e só está esperando uma chance para estrear.

Elebu - Agora o Capitão SP é um personagem que tenta ser decente num lugar onde ninguém parece se levar a sério. E isso é muito da característica de



super-heróis brasileiros. Tiras de personagens assim sempre caem no humor, ao contrário dos estadunidenses/ingleses. Enquanto um Frank Miller faz um Batman denso, violento, você tirou o maior sarro do personagem. Herói brasileiro não deve mesmo ser levado à sério?

Lovric - Um herói só pode ser tão sério quanto à pátria na qual serve. O Brasil tem "Federativa" no nome, mas os estados não têm autonomia. É democrático, mas todos são OBRIGADOS a votar. Quase ninguém tem noção de cidadania, de obrigações e direitos. Isso é sério? Não acho que os Estados Unidos sejam o exemplo do que um país tem que ser, mas sem dúvida foram criados sobre bases muito sólidas e com ideologias claras. Os super-heróis são um reflexo dessa ideologia. Sair por aí ajudando os oprimidos sem saber se as supostas vítimas precisam de ajuda. Você mencionou o Batman... Matam os pais do cara, aí ele se veste de morcego e sai espancando quem ele considera criminoso... Por que não vai resolver seu problema num divã, sem envolver os outros? Ora, porque a conduta do Batman é inquestionável num país que mete o bedelho em problema alheio há mais de 50 anos. Por isso. Pode notar que só os americanos têm super-heróis. Os franceses têm o Asterix, que mora numa aldeia de gauleses irreduzíveis, tentando segurar a onda contra nada mais nada menos que o império romano. Quem conhece a história recente da França pode traçar paralelos sem problemas. Já os heróis japoneses são movidos pela honra ou dever e são muito menos otimistas que os heróis do ocidente. Coisa normal pra que tomou duas bombas nucleares na cabeça...

Elebu - Mas ainda assim há similaridades quando falamos de animação. Tanto nos EUA quanto no Brasil elas tendem ir para o humor. Nesse caso é mais fácil encontrar seriedade no Japão. Seria isso por causa da natureza da própria animação?

Lovric - Acho que a animação japonesa nasceu mais séria que a americana porque tentava buscar uma identidade própria. Acho também que por ser um povo já adulto, esse tipo de animação teve uma aceitação comercial maior no Japão do que teria na América.



Mas na verdade, acho que a principal razão é porque ela é apenas reflexo da época. A japonesa nasceu no pós-guerra e quase tudo era permeado por um tom pós-apocalíptico. A América despontava como a maior potência de todos os tempos, então a temática era outra. Tanto que nos anos 70, quando eles atingiram o fundo do poço política e economicamente e os valores dos anos 50 já tinham ido pro saco, era possível ir ao cinema assistir animações adultas e sombrias como *Fritz the Cat* e *Heavy Metal*, inimagináveis 10 ou 15 anos antes. Depois veio o bom mocismo forçado e o politicamente correto dos anos 80 e nos agraciaram com pérolas como "Ursinhos Carinhosos" (sem comentários) e "He-Man", que resolvia tudo na porrada e depois, no fim do desenho, vinha falar que devíamos tolerar nossos semelhantes. Hipocrisia da grossa, assim como se via na administração Reagan. Hoje, no auge da crise de identidade americana, o desenho da *Liga da Justiça* mostra heróis que, as tantas, assassinam o presidente e tomam o poder. E nos anos 80, a mesma série se chamava *Superamigos*. No Brasil, não sei. Acho que optamos por humor porque é mais fácil. Sempre custará muito caro produzir animação de qualidade e dinheiro no Brasil, sabe como é né...

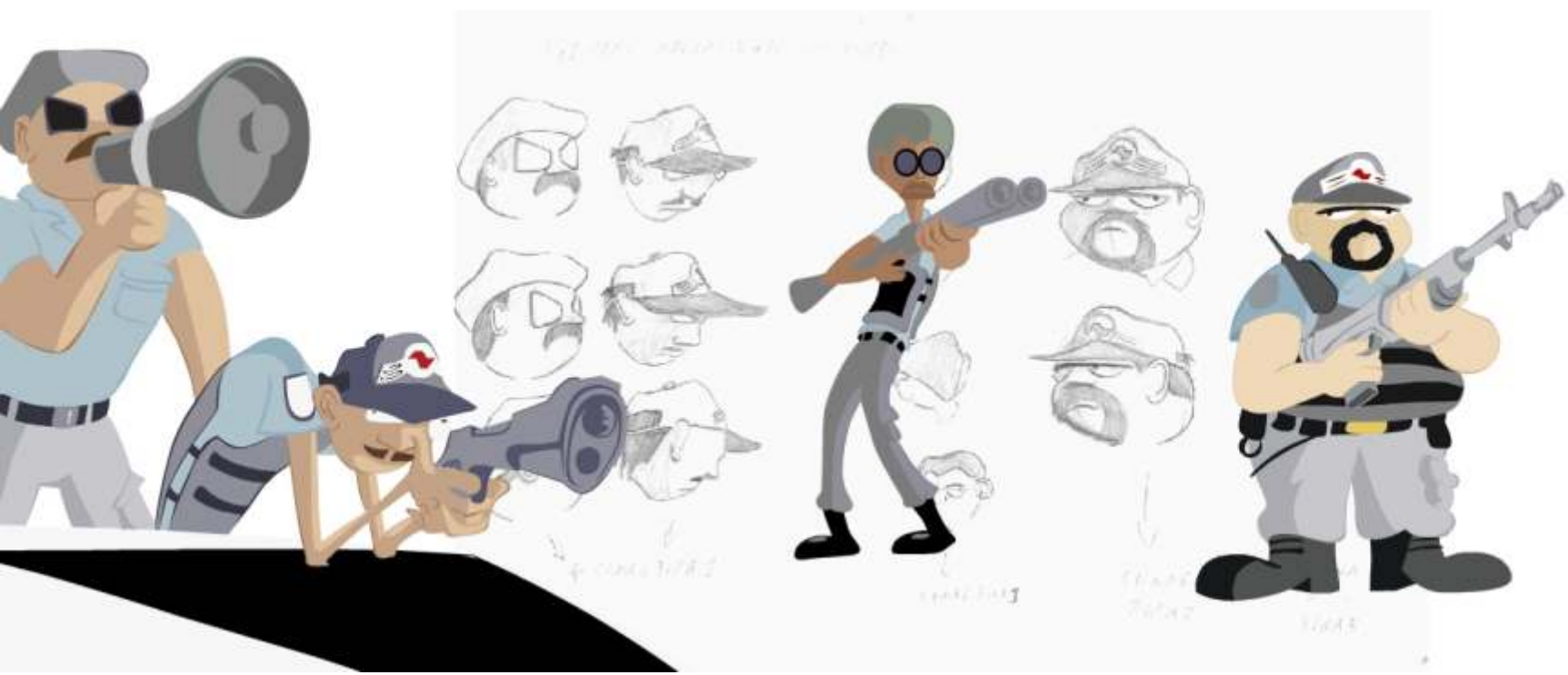
Elebu - O que você acha da produção de animação e quadrinhos brasileira?

Lovric - Não tenho muita relação lá com quadrinhos. O que sei é o que vejo no jornal. A produção parece ir bem, pois toda semana vejo alguma coisa. Tem entrega de prêmios

apresentado pelo Serginho Groisman e o escambau. Acho legal ver isso porque essa galera está batalhando pelo reconhecimento dos quadrinhos já faz tempo. Acho que os quadrinhos no Brasil estão em melhor situação do que nunca. A animação com certeza está melhor do que jamais esteve. Existe a possibilidade de financiamento através das leis de renúncia fiscal. Agora, o BNDES reconheceu o potencial comercial da animação e entrou no jogo, com liberação de linha de crédito. E existem as novas tecnologias que permitem alguém fazer animação em casa. Já temos algumas séries animadas na TV e uma porrada na internet. Sem contar o mercado de animação publicitária, que está bombando.

Elebu - E a respeito da Mondo Vazio, o que te motivou a montar esse estúdio e quais são os seus maiores feitos nele?

Lovric - Quis ter o meu próprio estúdio para poder ter controle total sobre o que produzo além de poder garantir que o padrão de qualidade fosse sempre alto. Outro motivo foi o fato de me considerar um contador de histórias. A grande maioria dos estúdios de animação brasileiros não tem espaço para isso porque são estúdios de excelência técnica que trabalham para o mercado publicitário. Ter o meu próprio estúdio e equipe era a única maneira de assegurar que poderia contar as minhas histórias. Em termos de produção três curtas me agradam muito. O primeiro é o Jimmy Jazz, porque é visualmente muito bonito. O segundo é um episódio do Gilson chamado *Flashback Gilson* porque a história, o timing e as piadas se integraram muito bem. Mas o trabalho do qual mais tenho orgulho é o último episódio do Capitão. Se chama *O dia da barata*. Quando começamos não sabíamos como resolveríamos metade dos problemas que o roteiro nos impunha. Modelagem 3D, integração de animação 2D e 3D, integração entre softwares e outras "coisitchas más". Fiquei muito feliz de termos conseguido resolver cada um dos problemas e de ver que o resultado final foi muito parecido com o que eu tinha em mente quando escrevi o episódio. É como dizem... "nem sempre é legal atravessar o deserto de Gobi, mas chegar do outro lado é bem gratificante."





lá no
alto

Ei Buffy, segura firme aí na Willow para não cair, porque vocês estão nas alturas. E não é só por causa da ilustração ao lado. Os quadrinhos da caça-vampiros criada por Joss Whedon estão valorizados. Em alguns locais, eles são inflacionados até. O preço de capa é \$2,99, mas você só consegue comprar nesse valor em livrarias com um mês de atraso e aspecto surrado. Na internet pode-se encomendar com um preço mais barato, só que a taxa do correio é mais cara que o produto. Nas gibitecas, um exemplar da oitava temporada de Buffy não é vendido por menos de \$6,00. É pegar ou largar.

Buffy, a caça-vampiros (BTVS) foi a capa do Elebu de fevereiro. A ocasião foi uma homenagem aos dez anos da heroína de TV. Na época havia a expectativa do lançamento da oitava temporada em quadrinhos pela Dark Horse e a incerteza se daria certo ou não, apesar da boa mitologia. A questão é que adaptações de produtos televisivos e do cinema para os quadrinhos são marcadas por fracassos. BTVS, inclusive, teve alguns lançados enquanto o seriado ainda estava no ar, sendo que nenhum foi bem aceito. Mas a atual versão tem algo de especial, porque todas as oito edições publicadas até o momento figuraram na lista Top 15 mensal do mercado estadunidense, ou seja, elas venderam acima de cem mil exemplares.

A fórmula do sucesso, mais que a publicidade e a sólida base de fãs, é a velha e boa qualidade e organização que muita gente subestima. As histórias seguem os acontecimentos das temporadas na TV, mas não é difícil para o leitor novato pegar a trama, por causa do sistema clássico de constante apresentação de personagens e recaptulações que existe em qualquer título com mais de 30 anos.

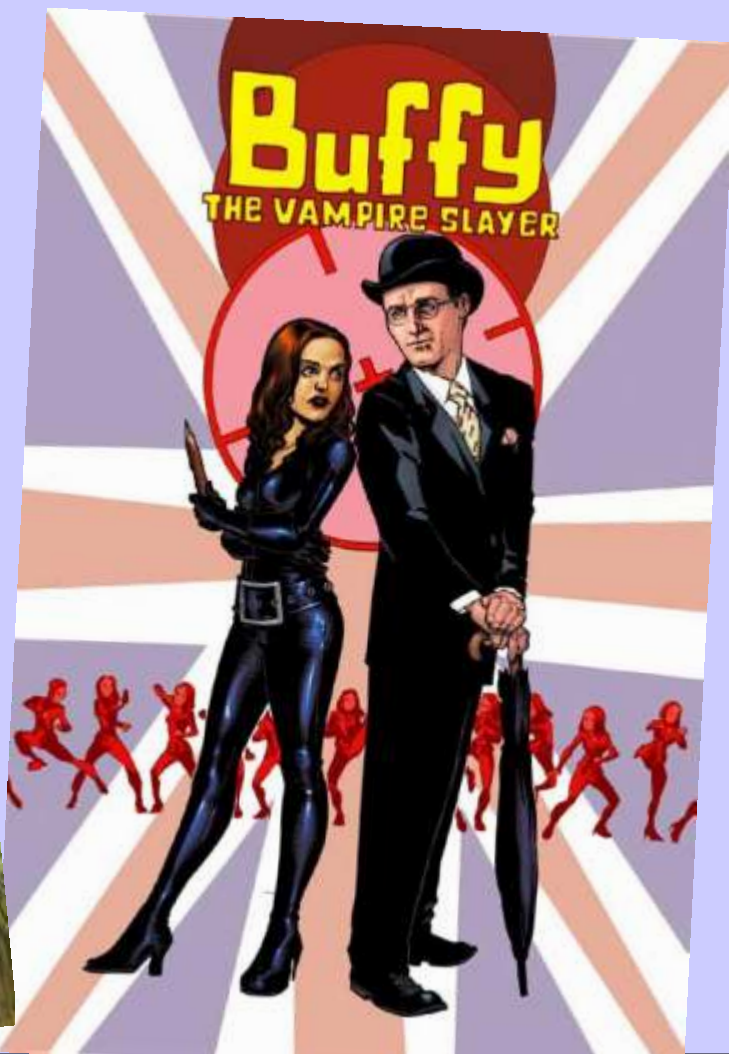
São sempre duas capas por edição. As oficiais de autoria do chinês Jo Chen (como a ilustração da página anterior) são pinturas com logo flutuante. Chen é um grande detalhista que prima pela expressão, o movimento e o impacto da imagem. Só a arte dele já vale o preço. Humor e referências diretas à mitologia de BTVS ficam por conta de Georges Jeanty em suas capas alternativas e também mais raras (ilustrações desta página). Ele também é o responsável pelos desenhos no resto do gibi. Apesar de ser competente, o trabalho de Jeanty não é uma unanimidade e é criticado porque os

personagens não são cópias fiéis dos atores da TV. O contra-argumento, no entanto, é incisivo: “minha obrigação é desenhar Buffy Summers e não a Sarah Michelle Gellar”.

Pintura alguma adiantaria se as histórias não fossem boas. Elas são escritas pelo próprio Joss Whedon. Quando não ele, a história vai para as mãos de roteiristas menos badalados e de grande reconhecimento no meio, como Brian K. Vaughan que escreveu a série cult *Ex-Machina* e foi responsável pelo segundo arco de BTVS, *No Future For You*, concluída neste mês. Vaughan conseguiu, inclusive, ser mais bem sucedido nas vendas e na crítica que o seu patrão Joss ao retratar o conflito de Faith Lehane durante uma missão onde precisa assassinar alguém que simpatiza.

Outra coisa que providenciaram foi o “concerto” de alguns personagens nas partes que os atores estragaram. A própria Buffy sofreu vários ajustes: nos quadrinhos ela é uma figura mais bem-humorada e humana do que a melancólica coronel “bitch” da TV. Só agora ela faz por merecer o título de protagonista, uma vez que no original os coadjuvantes, em especial a bruxinha Willow e o vampiro Spike, roubavam a cena.

Além disso, os escritores passaram a ousar, uma vez que não estavam mais limitados pelo orçamento e a censura das emissoras. Mesmo com o compromisso de fazer um produto PG-13, há nudez, palavrões, violência e ironias políticas escancaradas, em especial contra a força militar estadunidense. Se o livro original quase sempre é melhor que o filme adaptado, BTVS seguiu a lógica, só que no sentido contrário: o gibi adaptado é mais interessante que o seriado original.



para ler e ver

Rúbia Cunha

Neil Gaiman, renomado quadrinista que ganhou fama a partir de seu trabalho em *Sandman*, possui obras complexas que também podem ser vistas de uma forma simplista. Dotadas de um enredo sombrio elas visam mostrar, em sua grande maioria, personagens reais que possuem uma fragilidade e auto-estima baixa. Porém, no desenrolar das tramas seus traços tornam-se fortes e marcantes, ganhando grande simpatia do público.

Um de seus roteiros junto com seu amigo Dave McKean foi transformado em um filme de longa metragem. Com a Jim Henson Company, McKean (diretor) conseguiu transportar os traços surreais para a tela. Tal obra ficou conhecida como *MirrorMask* (pobrememente traduzido como Máscara da Ilusão). Nesse filme, encontramos a história de Helena (Stephanie Leonidas), uma menina que enfrenta problemas financeiros e a doença de sua mãe. A protagonista vive o paradoxo de fugir da realidade que vive por encará-la como uma ilusão. No entanto, quando seu desejo é realizado, ela constata que sempre teve uma vida real e que a vida ilusória estava apenas começando.

Obrigada a encarar um mundo em vias de extinção, a busca para a retomada de Helena depende da ajuda de uma rainha adoentada, de um artefato (*MirrorMask*), e da própria conscientização de seus atos e aceitação de sua vida. Ela ainda enfrenta muitos problemas ao encontrar sua negatividade em formas reais e palpáveis, precisando encarar dessa forma o egoísmo que ela possuía. *MirrorMask* teve downloads incessantes pela internet, onde era possível encontrar versões legendadas em português e em várias outras línguas. Posteriormente foi lançada na íntegra pela Sony Pictures com qualidade digital.

Um pouco mais antiga, podemos encontrar também a série *Lugar Nenhum* (*Neverwhere*) escrita por Gaiman para a rede de televisão BBC. Essa obra possui personagens de um livro não lançado. Mister Croup e Mister Vandemar, fariam parte de *Wild Magic*, (que Gaiman pensou em escrever quando tinha cerca de 13 anos), mas que só ganharam vida quando a série foi lançada pela BBC. Posteriormente a obra teve sua versão romanceada e resultou em sucesso imediato que a conduziu às listas de Best-Sellers no Los Angeles Times, San Francisco Chronicle, dentre outras.

Os vinte capítulos falam de Richard Mayhew, um personagem que tinha a vida que todos sonham:

um bom emprego, uma boa noiva, uma vida estável. Mas até quando existe perfeição? Gaiman nos questiona isso quando Richard ajuda uma jovem ferida. Ele é transportado para a “Londres-de-Baixo”, e inicia corrida desesperada para voltar a sua realidade. No entanto, Mayhew precisava da ajuda da jovem Door, do traçoeiro Marquês de Carabas e da caçadora Hunter. Podemos incluir também outras personagens que vão surgindo no desenrolar da trama. Conheceremos junto a ele os falantes de ratês, abades negros e um mercado flutuante, onde a magia e a realidade mesclam-se de forma fascinante. Também encontraremos curiosidades da cidade londrina. Vejo essa obra como a ficção unida à não-ficção de forma balanceada e saborosa.

Voltando um pouquinho mais no tempo, podemos encontrar ainda outra obra que poderia ter a mesma inspiração do livro não-lançado. Quando Gaiman pensava em escrever *Wild Magic*, baseou sua linha de raciocínio em uma escola particular britânica não muito importante e que ensinava magia. Essa história teria um herói chamado Richard Grenville e os vilões, Mister Croup e Mister Vandemar (citados acima em *Lugar Nenhum*).

A idéia acabou se concretizando no *Os Livros da Magia*, mini-série de 1989 com a história centrada em Tim Hunter, um menino não muito inteligente e nem mesmo engraçado, alguém que não se encaixava e descobriria o potencial de ser o maior mago do mundo. A escola que daria os princípios básicos da magia foi transformada em quatro homens distintos que acompanharam o garoto em viagens no passado, presente, futuro e no mundo das fadas. Tim, que possuía uma vida simplória e insossa, é transportado violentamente a uma realidade que a grande maioria dos humanos desconhece. Em sua “viagem” para o aprendizado, a racionalidade é questionada no apresentar dos fatos.

O quadrinho, muitas vezes comparado com a obra de J.K. Rowling, é motivo de questionamentos ao autor, o qual responde que um jovem como feiticeiro tem precedentes na literatura. Assim como *Neverwhere*, *Livros da Magia* também ganhou a sua versão romanceada, cabendo a Carla Jablonski a missão de transformá-los em livros: *Os Livros da Magia - O Convite*; e *Os livros da Magia - Encantos*. Poderia vir a citar muitas outras obras, como *Stardust*, que ganhou a versão longa metragem, *Beowulf* que entrou em cartaz no final de novembro, mas elas ficam para outra ocasião.

Neil Gaiman

